

# O primeiro tratado de Numismática impresso em Portugal

*Por Pedro Batalha Reis*

*A memória dum saudoso amigo e numismata ilustre, o  
Dr. Jorge Pereira da Gama.*

O movimento intelectual de interêsse pelo classicismo greco-romano, criado pelos eruditos do final da Idade Média, denominado Renascimento, levou alguns espiritos cultos, como Petrarca († 1374) ou Maximiliano († 1519), a estimar as antiguidades, dentre as quais as moedas tinham um lugar de relevo, o que deu aso a que surgissem, para satisfação dessa curiosidade, os mais antigos trabalhos de Numismática, tais como o *Tractatus de origine monetarum*, de Oresmius († 1383), a *Miscellanea* (1489), de Angelo Policiano, ou o *Liber de Origine et ratione monetarum*, devido ao Bispo de Worms († 1503).

Assim, é pois derivado desse mesmo movimento que, em Portugal, o erudito Bispo de Evora, D. Afonso de Portugal, escreve e publica, cerca de 1510, o notável *Tractatus de Numismate*, de que hoje damos noticia, o que constitui o primeiro livro da Numismática impresso em Portugal, e um dos mais antigos impressos no Mundo.

O facto é tanto mais para notar quanto é certo que essa obra precedeu de bastantes anos a maioria das que se publicaram no decorrer do século XVI.

Com effeito, se abstrairmos os dois capítulos das *Relaciones* de Nebrija, impressas pela primeira vez em 1510, que não era contudo um trabalho exclusivamente de Numismática, como o do D. Afonso de Portugal, quase todas as outras já se não podem chamar coevas, por haverem sido publicadas muitos anos mais tarde. Evoquemos algumas:

## DA PRIMERA METADE DO SECULO XVI

- D. AFONSO DE PORTUGAL: *Tractatus De Numismate*. 1510.
- GUILHERME BUDÉ: *De Asse et partibus ejus*. 1515.
- JOÃO HUTTICHIO: *Imperatorum, Caesarum Vitae*. 1534.
- PEDRO EBÉRIO: *Vocabula rei Numismariae*. 1546.

DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVI

- L. PORCIO: *De Re pecuniaria*. 1551.
  - WOLFGANG LAZIUS: *Reipublicae Romanae in exteris Provinciis*. 1551.
  - GUILHERME ROVILLIO: *Prima Pars Promptuarii Icomum Insigniarum*. 1553.
  - JACOB STRADA: *Epitome Thesauri antiquitatum*. 1553.
  - ENEAS VICO: *Primarum XII Caesarum verissimae imagines ex antiquis Nummismatibus*. 1554.
  - DIOGO DE COVARRUBIAS: *Veterum Numismatum collatio*. 1556.
  - CONSTANCIO LANDO: *In Divi Antonini Pii consecrationem... Castorisque et Pollucis Nummismata explicatio*. 1556.
  - GUILHERME CHOUL: *Discours de la Religion des Anciens Romains*. 1556.
  - ENEAS VICO: *Discorsi sopra le medaglie*. 1558.
  - GABRIEL SIMEONI: *Illustrationi degli epitafl, e medaglie antiche*. 1558.
  - SEBASTIAN ERIZZO: *Discorso sopra le medaglie degli antichi*. 1559.
  - J. M. CORDERO: *Prontuario de las Medalhas*. 1561.
  - JERÓNIMO CARDOSO: *De monelis tam graecis quam latinis*. 1561.
  - ANTÓNIO CHAPUYS: *Description de la limague D'Auvergne*. 1561.
  - JOÃO FERNANDEZ FRANCO: *Compendio de Numismas*. 1564.
  - HUBERTUS GOLTZIUS: *Fasti Magistratum et triumphorum Romanorum*. 1566.
  - JOÃO SAMBUCO: *Emblemata, & aliquot Nummi antiqui operis*. 1566.
  - LOURENÇO PALMIRENO: *Sylva Nummaria de todas monedas*. 1573.
  - ABRAHAM ORTÉLIO: *Deorum, Dearumque capita ex antiquis nummismatibus*. 1573.
  - FULVIUS URSINUS: *Familiae romanae, quae reperiuntur in antiquis nummismatibus*. 1577.
  - ANTÓNIO DE POIS: *Discours sur les Médailles*. 1579.
  - ADOLFO OCCO: *Imperatorum Romanorum Nummismata*. 1579.
  - CLAUDIO GUICHARD: *Funerailles*. 1581.
  - PE MANUEL ALVARES: *De Mensuris ponderibus et Nummis*. 1583.
  - FRANCISCO HOTTOMANO: *De Re Numaria*. 1585.
  - D. ANTÓNIO AGUSTÍN: *Dialogo de Medallas Incripciones y otras antiguedades*. 1587.
  - JOÃO BUDELIO: *De Monetis, & Re Nummaria*. 1591.
  - MARCOS VELSERO: *Rerum Augustarum Vindelicarum libri VIII*. 1594.
  - JOÃO DE MARIANA: *De Ponderibus et Mensuris*. 1599.
- Etcétera, etcétera.

Por aqui se vê, pois, quanto o *Tractatus De Numismate* de D. Afonso de Portugal se avanta no tempo aos demais escritores da especialidade no século de quinhentos.

Não ignoramos a existência duma série de *manuscritos*, de várias nacionalidades, seriando ou de qualquer modo aludindo às moedas correntes do final da Idade Média, mas semelhantes escritos estão fora do nosso objectivo momentâneo.

Do *Tractatus De Numismate* apenas havia uma vaga noticia, recolhida por Barbosa Machado, na sua *Biblioteca Lusitana*, a que mais tarde se referiu sumariamente o Dr. Leite de Vasconcellos, ao escrever a magnifica historiografia monetária dos nossos autores, ao dizer-nos que infrutíferas tinham sido todas as buscas que fizera para o encontrar <sup>(1)</sup>.

(1) Vid. Doctor LEITE DE VASCONCELLOS: *Da Numismática em Portugal*. Pág. 26. Lisboa, 1923.

## O PRIMEIRO TRATADO DE NUMISMÁTICA IMPRESSO EM PORTUGAL

§ Outro tanto dissemos nós, quando, por experiência própria, havíamos percorrido Bibliotecas sem conta, dirigindo-nos ainda por escrito a todas aquelas que não logramos consultar directamente, numa busca metódica, não só em todas as Bibliotecas públicas do país, e muitíssimas privadas, mas também nas grandes Livrarias estrangeiras, como Paris, Londres, Vaticano, Munich, Amsterdam, etc., etc..., e em parte alguma lhe encontramos os rasto (1).

§ Passaram-se anos, e eis que, inesperadamente, um amigo, grande e ilustrado coleccionador, o Dr. Jorge Gama, que a morte acaba de arrebatá-lo na flor da vida, chamava a nossa atenção para a existência desse livronho, que tanto tem aguçado a nossa curiosidade, na Biblioteca d'El-Rei D. Manuel II.

§ O motivo da Livraria Real haver escapado á nossa inquirição, que foi ao ponto de investigar os paradeiros das livrarias conventuais, dispersas e existentes nos mais inesperados sítios, onde presumíamos que ele pudesse existir, foi porque a esse tempo já tinha falecido o Soberano a quem ela pertencia, e os livros que a compunham ainda não podiam ser consultados (2).

§ Posteriormente, quando os Livros d'El-Rei D. Manuel foram expostos, e se fez um breve catalogo onde laconicamente vem mencionado o *Tractatus De Numismate* (3), ninguém, no campo da Numismática, se apercebeu que ali figurava o mais antigo livro de Numismática impresso em Portugal; pelo menos, não houve qualquer repercussão do acontecimento, como agora se dá.

§ Sem demora corremos a compulsa-lo o que obsequiosamente nos foi facultado pelo ilustre Presidente do Conselho da Administração da Casa de Bragança, Senhor Dr. Antonio Luis Gomes, a quem testemunhamos o nosso agradecimento.

\* \* \*

§ O Bispo de Evora, D. Afonso de Portugal († 1522), era bisneto de El-Rei D. João I (1385-1433), neto do Infante D. Afonso, primeiro Duque de Bragança († 1461), e filho de D. Afonso de Portugal († 1460), primeiro Marquês de Valença († 1460); o notavel antiquário de que acima falamos.

§ O gosto pela Numismática herdou-o naturalmente de seu pai, que fôra o primeiro português, possuidor dum museu de antiguidades, onde deveria existir também um numofilácio, como uma das antigualhas mais comuns e apreciadas ao tempo.

§ O primeiro Marquês de Valença, por ocasião da sua viagem á Alemanha e Italia, quando ali fôra no séquito da Infanta D. Leonor, filha de D. Duarte, que casára em 1451 com o Imperador da Alemanha, Frederico III, não perderia decerto a oportunidade de enriquecer o seu Museu, nessa viagem lá fora.

§ Assim, o interesse que seu filho, o Bispo de Evora, nos deixou consignado no

(1) Cfr. *Cartilha da Numismática Portuguesa*. Pág. 13, núm. 2. Lisboa, 1946-1952.

(2) O facto também dele não figurar no magnífico Catálogo da Livraria Real: *Livros Antigos Portugueses, 1489-1600, da Biblioteca de S. M. Fidelissima, descritos por J. M. El Rei D. Manuel*. Londres, 3 vols., 1929-1935, mais nos descançon de ali proceder a buscar naquele sentido.

(3) Na obra do Dr. JOAQUIM DE CARVALHO: *Livros de D. Manuel II*, pág. 62. Coimbra, 1950.

P E D R O      B A T A L H A      R E I S

seu *Tractatus De Numismate* deve ter nascido do ambiente da casa de seu pai, e do reflexo da sua cultura superior, como todos aqueles que por deleite espiritual se recreiam com o estudo do passado.

\* \* \*

§ O *Tractatus De Numismate* encontra-se junto do *Tractatus Perutilis De Indulgentiis*, do mesmo autor, impresso em belos caracteres góticos num 4.º grande (1), de 22 folhas, constituindo o último *quaterni* daquele volume (2).

§ E manifesta a intenção que houve em separar completamente as duas obras, pois, de contrario, não só se não justificaria a página branca que as separa, mas ainda não haveria lugar para o título que existe em página e folha nova. Além disso, ambas as obras terminam com a sacramental frase *Laus Deo*.

§ Essas obras foram editadas pelo próprio autor, como se lê no rosto do primeiro tratado: *Tractat Perutilis de Indulgentijs a reverendissimo Domino Alfonso eborensi epi editus* (Utilíssimo Tratado das Indulgências publicado pelo reverendíssimo Dom Afonso Bispo de Evora).

A fol. 1 v. vem o «Prologus», a fol. 2 a «Introductio», onde se lê a intenção do autor e a natureza da obra *Revēredissimi dñi alfonsi epi eborensis cōtra infideliū insaniā insultantiū sumū pontificē ac alios p̃latos inferiores=pr criminū indulgentias p̃cio vēdunt perutilis tractatus foeliciter incipit*.

§ Depois, a fol. 2 v., temos a «Questio prima prime q̃stionis» que se estende até fol. 10, ao começar com o «Questio secūda»; a fol. 11 v. a «Questio tertia», e finalmente a fol. 17 v. que trata «De indulgentia anei iubilei» até ao fim de fol. 18 (frente) pois que a 18 v. é branca.

\* \* \*

§ Correspondendo á fol. 19 do livro vem o caderno com o *Tratado de Numismática* onde a fol. 1 se lê á maneira de título:

REVERENDISSIMI DOMINI ALFONSI EBORĒSIS EPISCOPI  
DE NUMISMATE TRACTATUS

a fol. 19 v. vem a dedicatoria:

*Ad illustrissimū Emanuelē lusitanorū regē tractatus de numismate  
p revēredū dñu Alfonsum episcopū eborensem editus foeliciter incipit.*

(1) A pagina tem 20×27,4 cm. sobre o alto, e a mancha de impressão 14×22,5, contando o cabecel, e 21,5 sem ele

(2) Os cadernos estão indicados por alfabeto, sendo o 4.º (da letra D) o *Tratado de Numismática*. A obra impressa em encorpado papel de linho está em magnífico estado de conservação, não tendo um único pico de traça. A marca de agua é uma mão aberta, com canhão, e estrela de 5 pontas no dedo médio.

**ī Reuerendissimi domini Al=  
fonsieborēsis episcopi de  
nūmismate tractatus.**





**¶ Ad illustrissimū Emanuelē lusitanoꝝ  
regē tractatus de nūmismate p reuerēdū  
dñm Alfonsū episcopū eboꝛensem edi  
tus foeliciter incipit.**

**I**magis tacere quā fari debueris excellētissime pꝛinceps cū  
clare cōspicio ingenij vires impares esse: ac omni ex parte  
deficere. Quis enim tanto ingenio prestatet: tanta omniū  
scientiarū vbertate polleret qui se sibi de aliquo genere sci  
bilis digne scribere polliceretur vt vestra celsitudo postu  
lat: que pꝛe cunctis regibus et pꝛincipibus intellectu ac omniū bonarum  
artium doctrina fulget: nisi de eadem confusus sibi accidisse arbitretur qđ  
samaritano: qui pꝛolatis in curatione semiluiui duobus denarijs supꝛo  
ganti cuncta reddere professus est. Hanc ergo eiusdem celsitudinis obser  
uantissimus in sua clementia fiduciam statuens breue opus de nūmisma  
te (vestre celsitudini dicatum) sum aggressurus: quam pꝛimam vehemē  
ter oro obsequendi magis animum taceatur quam infacundiam dicendo  
culpa iudicet. Hoc enim singularis beniuolentia inseruendiqꝫ volun  
tas habet vt homines se totos suaqꝫ opera ei tradant a quo cūta sua bo  
na arbitrantur pꝛofectura. Qua pꝛoꝛpter serenissime pꝛinceps vestra sin  
gulari humanitate: incredibili ac pꝛoꝛpe inaudita mansuetudine: sūma be  
nignitate et sapientia inducor vt sperem me veniam impetraturū: si q̃ mi  
nus bene: minus ornate quā vꝛe celsitudinis dignitas poscit: explicabū  
tur. qđ si fecerit animum ad maiora cūdenda excitabit.

## **I**ncipit tractatus de numismate.

### **Q**uod ad ho-

**c** minū statū vitāq; tuendū p-  
tinet nīhil est vtili⁹ quā ho-  
mines sibi officijs deuicere  
Nihil enī est qd hōi pdes-  
se pōt sine hōim opa. Nā (vt libro de officijs  
testat cicero) diuidūtur ea q ad hōi cōserua-  
tionē pducunt: qdā vt ait sunt inanimata: vt  
aurū argētū ea q; gignūt e terra. et alia ciu-  
dē generis pīm aiata q habēt suos ipetus et  
rex appetit⁹. Eorū alia rōnis expria alia rō-  
ne viciatā. et ptes rōnis sunt eq; boues: reli-  
q; pecudes: apes: q; ope efficiūt aliqd ad ho-  
minū vsum ac vitā. Rōne autē vtentiū: duo  
genera ponit. vnū deorū aliud hōim. post de  
os hōies hōib⁹ maxime vtilis eē dicit et plu-  
rimū obesse si inter eos nō seruet iusticia. pū-  
mū enī iusticie munus est vt ne cui qd noceat  
nisi laceſcit⁹ iniuria. deinde vt cōibus pro cōi-  
bus utat: pūatis aut ut suis. Acerbissimis  
enī cladib⁹ oīa redūdaret nisi nepharia ma-  
lorū rabies et i optimos quosq; pūatio scil-  
simis legib⁹ vindicaret. et q; mutatiōe offi-  
ciorū dādo: accipiēdo q; societas inter hōies  
pūnet artib⁹ apō anti⁹: uos fiebat pmutatio  
cū nōdū eēt exogitat⁹ nūm⁹: ut artifices eorū  
opa cōmutaret cōpatiōe rōnūz ut magis iusti-  
cia seruaret. nūm⁹ aut iuent⁹ fuit ut subiret  
uicē indigētie et oīa metiret: vnde si faber nō  
īdiget medico sit pmutatio inter eos nō par-  
tes s; p nūmos. Cū ergo oīum mēſura sit nū-  
mus aut nūmisma sūma adhibēda ē cura ne-  
fraudeſ: ad qd obseruādū pūiū faciētib⁹ im-  
ponit pena in. ca. ut mēſure. de em. et uen. ubi  
ter. dicit. Si q; iustas mēſuras et iusta pōde-  
ra causa lucri mutare pūmpſerit triginta dies  
in pane et aq; pūniteat. pena hec in foro ē aīe:  
q; in foro iudiciali puniunt tales pena. l. cor-  
ne. de fal. q; ergo stat⁹ hōim et uita nūmisma  
te regulat et p ceteris regnū ob uarios puēt⁹  
quos ex nūmisma reges pūpiūt dicit tho.  
q; saluator nō qdēs a phariseis ipō simulato-  
rie tentātib⁹: au⁹ ē inq; imago et supſcriptio:  
cūq; rēdiſſent cesarib⁹: sniaz q; ſui ſupra ipōs  
reſcripſit dīcēs: reddite ergo q; sunt cesaris ce-  
ſari: et q; ſūt dei deo: q; ſi ipm nūmisma sit cau-

ſa ut i plurib⁹ tributa ſoluēdi. Nec iſtud ob-  
ſtat pcepto diuino in deuterono. dedimo octa-  
uo. c. p moſen qntū ad reges et pnceps ppli  
ibi. n. ſcribit de rege. cūq; fuerit pſtitut⁹ nō  
mūltiplicabit ſibi equos: nec hēbit uxores plu-  
rimas q; allicuit aīe ei⁹: nec argētū nec aurū i-  
mēſa pōdera. qd qdē intelligēdū ē ad oīſio-  
nē ſiue fauſtū regale ut de creſo rege lydoniz  
tradit: q; cap⁹ a cyro rege pſar nud⁹ in alto  
mōte patibulo ſit⁹ eſt. ¶ S; ad ſubūctiōe  
regni oīno eſt neceſſariū: qd ſic oīdī pōt: hō  
enī in cōmutatiōib⁹ faciēdis auro uel argēto  
ſiue nūmisma te utit ut iſtrumēto: unde phūſ  
dicit. l. v. ethicoz q; nūmisma ē q; ſi fideiul-  
ſor ſuture neceſſitatis: q; pūnet oīa opa ſicut  
ipſoz pūciū. ſi ergo q; hēbet īdiget nūmisma te  
magis rer: q; ſi ſimplr ad ſimplr: et magis  
ad magis. rursus uirt⁹ pūtiōat nature et o-  
pus vūti: natura aut ſtat⁹ regalis qndā hēt  
uniuerſitatē: eo q; cōis ē pūto ſibi ſubiecto: er-  
go vūti et ſiſt opus. Si ergo ſtat⁹ oīoz ſcōz  
ſua naturā eſt cōis ergo et vūti et opatio. hoc  
aut eē nō pōt ſine nūmisma te: ſic neq; faber  
nec carpētari⁹ ſine pūtijs iſtrumētis. Itē i m  
phūm. iij. ethi. vūti magnificētie mag nos  
ſumptus reſpicit: magni autem ſumptus ad  
magmū pūnet qd ē rer ut ipē philoſophus tā-  
git: vñ beſter. j. ſcribit de aſſuero q in oriēte  
dñabāt decē et ſeptē pūcijs ī cōiuiſio qd ſecit  
pūcipib⁹ ſui ſgni: mīſtrabat ī cibis et potib⁹ p  
ut erigebat magnificētia regis. hoc aut ſine  
iſtrumēto uſte fieri nō pōt qd ē nūmisma ſiue  
aurū uel argētū: q; re id qd pūti. pūti etiā hoc  
pūtiōe ad pplz ſiue ī genere ſiue ī ſpē: q; ad  
hoc o; rer abūdare pecunijs q; poſſit ſue do-  
mū pūdere ī neceſſarijs. et ſuoz ſubuenire  
neceſſitatib⁹ ſubdit⁹: ut ei tradit phūſ. viij  
ethi. ſic ſe rex hīe o; ad pplz ſicut pī ad ſiliū.  
ſic ſe habuit pharao ad totā terrā egypti: ut  
gene. ſcribit. xlj. c. de publico enī erario fru-  
mētū emit: qd īgruēte fame diſtribuit ſ; pū-  
dētā ioseph ne pplus fame diſſiceret. ſaluſti⁹  
etiā narrat ſniam cath. ī cathē. q; liter reſ pu-  
blica pſecit romanis q; erariū publicū viguit  
rome: quo deſſicēte ad nihilū ē redacta ut ipi  
bus cathōis dicit accidīſſe. Ampli⁹ qdlib⁹ re-  
gnū ſiue ciuitas ſiue caſtrū ſiue qdēq; col-  
legiū aſſimilat humane corpi: ſicut ipē phūſ  
tradit: et ī polierato ſcribit: vñ pūti ibidē cōe  
erariū regio ſtamacho: ut ſicut ī ſtomacho re-



## O PRIMEIRO TRATADO DE NUMISMATICA IMPRESSO EM PORTUGAL

§ Segue-se um pomposo ouropel literário dirigido ao *excellentissime princeps* cujo texto á maneira dos velhos códices iluminados tem o espaço em branco reservado á iluminação da capitular.

§ Não nos diz a obra o ano da impressão, muito embora a dedicatoria ao Rei D. Manuel nos localize a obra no quarto de século do seu reinado, de 1495 a 1521. Todavia é nossa impressão, colhida na aparência tipográfica, que ela deve ter sido publicada na primeira década do século XVI, o que a coloca inda dentro dos incunábulo portuguezes.

§ A fol. 20 (2 do tratado): *Incipit tractatus de numismate* que se estende até ao *Laus Deo* a fol. 22 (frente), ou sejam 5 páginas compactas, a duas colunas, de texto torturado de abreviaturas. A obra está felizmente completa, muito embora não tenha *cólofon*, onde se poderia ver a data da impressão, e até adventiciamente o nome do impressor, nem tão pouco estejam iluminadas ou historiadas as capitais.

§ O tratado, ao gosto da época, não se ocupa de numismática portuguesa, mas sim da moeda antiga, como reflexo de classicismo emanante do Renascimento, que ao tempo do Rei Venturoso imperava em toda a Europa.

§ A obra de D. Afonso de Portugal, é eminentemente literária e prolixa nas citações, començando o autor por uma longa introdução do valor que a moeda tem desempenhado na vida da humanidade, a propósito do que põe na boca dum Filósofo, uma sentença antiga que dizia que *o dinheiro é como um fiador de futura necessidade*.

§ A todo o momento o autor se espraia em considerações filosóficas, e citações eruditas, onde as Escrituras Sagradas ocupam uma parte importante. Desse modo aborda uma longa introdução, a que chamaremos a origem da moeda, falando na fase pre-monetária da troca directa, e em seguida dos animais, cavalos, bois e outros gados, que outrora desempenhavam o papel da moeda, para depois referir o aparecimentio dos metais pesado como moeda, e tudo isto com grande cópia de alusões aos textos antigos.

§ Não cabendo neste artigo mais do que a breve notícia daquelle famoso incunábulo, informamos, todavia, os interessados no texto desta obra, de que em breve daremos dela uma edição critica e facsimilada, como merece a primeira obra de Numismática impressa em Portugal.



## NOTAS BIBLIOGRAFICAS

CESARE GAMBERINI. — *Prontuario-Prezziano delle monete correnti di Napoleone I. 1802-1815.*—Emesse a Tallone Decimale Francese per tutte le zecche metropolitane francesi e dei paesi occupati con valore espresso in francs e centimes.—Bologna, 1952.

Un libro concebido para el uso del coleccionista, como anuncia su autor en el prefacio, al modo y manera de los tan abundantes catálogos filatélicos.

La utilidad de esta clase de trabajos es muy grande, pues no solamente rinden verdaderos servicios a coleccionistas y aun a eruditos, sino que atraen hacia la Numismática a ciertas personas que sienten la necesidad de una orientación escrita, antes de decidirse a abrazar una afición.

El coleccionista procedente del campo filatélico, una vez entrado en el terreno numismático, se convierte casi siempre en un elemento humano de positivo valor, debido a la disciplina que su anterior afición le ha impuesto. Acostumbrados a examinar en los sellos los mínimos detalles, a menudo hacen en las monedas descubrimientos y observaciones dignos de interés.

Muchos éramos los que creíamos que esta clase de publicaciones eran imposibles en la Numismática, hasta la aparición del excelente catálogo de Guilleateau, que nos demostró plenamente que, por lo menos, para las piezas modernas el sistema era perfectamente posible.

Ahora, la obra del doctor Gamberini viene a sumarse a esta nueva literatura numismática, que parece ha de tener numerosos adeptos en el futuro.

La índole del trabajo excluye, naturalmente, las series españolas de la época, ya que, como es sabido, Napoleón I no emitió

moneda en España; pero hemos querido señalar la aparición de este libro por su indudable interés general.

F. XAVIER CALICÓ

CIRCOLO NUMISMATICO TORINESE.—*Curiosità e Saggi di Numismatica.*—1952.

Con motivo de la Exposición organizada por esta entidad y de la cual nos ocupamos en otro lugar, se editó un fascículo en el que se publican varios trabajos, que son presentados en conjunto como obra del mismo Círculo, ostentando la firma de los distintos autores.

El sumario de esta publicación es el siguiente:

«Elogio della Numismatica interprete d'arte», por Angelo Dragone.

«Monete greche, medaglie del Pisanello e di Matteo de'Pasti nelle opere del Poeta del Vittoriale», por Mario Cattaneo.

«La data degli ase commemorativi di Marco Agrippa», por Ludovico Laffranchi.

«Su una variante inedita di un dupondio di Nerone e Sull'interpretazione della leggenda MAC AVG», por Edoardo Cassina.

«Origine delle due croci allato del "Castello" negli scudi d'argento con la corona della Zeccha di Genova», por Ubaldo Meroni.

«Di un poco noto e mal descritto medaglione di Filippo senior per Apamea di Frigia», por Edoardo Cassina.

«Nuove contraffazioni de monete estere eseguite da zecche minori piemontesi», por Eugenio Barrera.

«Una curiosa medaglietta sabanda all'effigie di Vittorio Amedeo Giuseppe principe di

Piemonte ed una sua possibile interpretazione», por Edoardo Cassina.

«La riviera d'Orta ed artesi nelle medaglie», por Dott. Enzo Pellegrino.

«Un raro ed inedito sigillo equestre di Rodolfo IV di Asburgo, marchese di Paradenone», por Mario Cattaneo.

HUMBERTO F. BURZIO y BELISARIO J. OTAMENDI. — *Numismática Sanmartiniana*. — Instituto Bonaerense de Numismática, y Antigüedades. — Buenos Aires, 1951.

Un catálogo general de las monedas, medallas y condecoraciones referentes al general San Martín.

Empieza éste con un inventario de las condecoraciones que obtuvo el Libertador en sus múltiples hechos de armas, entre las que figura la española de Bailén, de oro; las de 1817, de Chacabuco, de distintas clases; las de la Legión de Mérito, de Chile; la de 1818, de Maipú; la de la Orden del Sol, y la de Pichinche, de 1822.

Al describirse cada condecoración se reproduce la documentación a ella referente, así como gran cantidad de detalles históricos.

La ordenación cronológica del catálogo, muy acertada para trazar la historia de un personaje, como en el presente caso, obliga a intercalar medallas y monedas, según la fecha de emisión de las mismas.

Así, vemos aparecer en 1817 la primera moneda del Estado independiente de Chile, con la mención de Un Peso, en vez del tradicional 8 R., mientras que en 1818 el oro continuó acuñándose bajo la denominación del escudo hispánico.

Siguiendo el catálogo, en cada año se van describiendo las correspondientes medallas o monedas de la campaña, bien fuesen obra de los realistas: encuentro de Talca, 19 de marzo de 1818, premio concedido por el virrey Pezuela, o de los independientes: captura de la fragata «María Isabel», 28 de octubre de 1818, premio otorgado por un Decreto de O'Higgins.

La obra así va siguiendo paso a paso los monumentos numismáticos y la interesantí-

sima historia comprendida en su plan general.

Como españoles de España, hemos de agradecer a los autores de este libro que, a pesar de tratarse en él de una campaña de la que resultó, a la postre, la separación de todas las provincias españolas de América, han conseguido que de su lectura no solamente no se desprenda antagonismo de ninguna clase, sino que aparezca todo como un verdadero pleito de familia.

Para nosotros, entre esta historia, vista a través de las monedas, medallas y condecoraciones y la que podría escribirse de las campañas de la guerra carlista en la Península, no existe otra diferencia quizá que las distintas consecuencias de una y otras.

F. XAVIER CALICÓ

KENNETH SCOTT. — *Counterfeiting in Colonial New York*. — «Numismatic Notes and Monographs», número 127. — The American Numismatic Society, New York, 1953.

Una de las pocas compensaciones que pueden tener los países numismáticamente pobres, es que sus series sean estudiadas y conocidas hasta en los más pequeños detalles.

Así, los Estados del norte de los Estados Unidos han llegado a un conocimiento de su numismática, aun la del período colonial, que podríamos llamar perfecto.

Dentro del mismo, ocupa destacado lugar la falsificación, ya que, según dice el mismo autor del libro que comentamos, «Nueva York es indiscutiblemente la capital del mundo de los falsarios».

A esta interesantísima especialidad dedica mister Scott su documentado trabajo. Sería un error considerar que el interés es limitado por demasiado especializado, pues no hay que olvidar que la moneda de mayor circulación en Norteamérica fué durante mucho tiempo la española de las cecas americanas. Por este motivo y por los múltiples datos que el libro de mister Scott aporta, consideramos que puede ser muy útil a los eruditos y estudiosos iberoamericanos.

F. X. C.

PÍO BELTRÁN VILLAGRASA.—*Los dineros jaqueses, su evolución y su desaparición*, en «Publicaciones del Seminario de Arqueología y Numismática Aragonesa».—Zaragoza, 1951.

Este valiosísimo trabajo, aparecido hace ya algún tiempo, quizá no ha alcanzado la difusión que merece por su positivo valor y las múltiples enseñanzas de su simple lectura.

Sería ridículo, por nuestra parte, pretender presentar la relevante personalidad de don Pío Beltrán, autoridad indiscutible en varias series numismáticas españolas; pero como el ámbito de NUMISMA cada día es más vasto, quizá no sea del todo desplazado hacer un brevisimo recordatorio que sirva de antecedente al respecto y, por lo menos, en lo que se refiere a la materia de que trata don Pío en esta cuestión.

De todos es bien conocida la carencia de publicaciones referentes a numismática medieval española. Desde la aparición de *Las Monedas Hispanocristianas*, de Heiss, en la que se proponían determinadas clasificaciones para las primeras monedas de la reconquista, quedaron gran cantidad de problemas planteados, de los que bien pocos se han preocupado de estudiar, y menos todavía los que se han atrevido a proponer soluciones.

Don Pío ha sido uno de aquellos pocos y es hoy uno de estos menos.

Durante muchos años ha estado en constante contacto con eruditos, conservadores de museos, coleccionistas, comerciantes o simples curiosos; pocas monedas medievales de interés habrán aparecido de que don Pío no haya tenido noticia.

Durante el transcurso de este tiempo, ha hecho gran acopio de datos. Dotado de un sentido numismático extraordinario, estudiando estos datos, comparándolos con la documentación hallada en sus investigaciones, ha llegado, sin duda, a la solución de muchos de los problemas planteados.

Este estado de cosas es perfectamente conocido por los eruditos y estudiosos actuales, y será atrevido suponer que es posible que influya en la escasez de trabajos que sobre la materia ven la luz pública.

Por este motivo es ya de celebrar cualquier

publicación referente a numismática medieval de don Pío Beltrán, porque seguramente servirá de estímulo para que otros numismatas den a conocer también el resultado de sus estudios, mayormente sabiendo hasta dónde ha llegado el que puede ser considerado decano de esta especialidad.

En *Los dineros jaqueses, su evolución y su desaparición*, don Pío hace la historia de la moneda aragonesa, empezándola por las acuñadas por «los antiguos condes, reyes o ciudades de los Estados pirenaicos aragoneses» y terminándola «en las monedas del sistema general español fabricadas accidentalmente en Zaragoza».

En los doce capítulos de que consta el trabajo, pasa el autor por las distintas etapas del monedaje aragonés, situando antes el actual estado de la cuestión, según puede verse por los títulos de los mismos:

- I. Moneda aragonesa; sus clases.
- II. El monedaje.
- III. Fecha de las emisiones.
- IV. Documentos y libros sobre las monedas aragonesas.
- V. Circulación monetaria en Aragón antes de Sancho el Mayor.
- VI. Primeras monedas navarras documentadas.
- VII. Primeras monedas aragonesas.
- VIII. Clasificación de las monedas anteriores a don Alfonso I.
- IX. Monedas cuaternales aragonesas.
- X. Monedas ternales aragonesas.
- XI. La moneda aragonesa de vellón, desde Juana y Carlos hasta el final de las emisiones aragonesas.
- XII. Conclusión.

Sin entrar en el fondo de la materia, queremos destacar algunas de las opiniones del autor, que demuestran plenamente las cualidades excepcionales del mismo, tales el extraordinario sentido numismático a que antes hemos aludido, unido a una rara apreciación de la realidad.

Así, al comentar dos dineros que publica, uno de la colección Monteverde y otro similar, de Vidal Quadras Ramón, número 5.271, dice textualmente: «Estas dos últimas monedas son contemporáneas de las aragonesas arriba representadas y pueden ser de San-



cho IV el Despeñado (1054-1076), o, mejor, de Sancho V Ramírez, rey de Aragón, que dominó en Tudela, Pamplona, etc., de 1076 a 1094. Contra ambas atribuciones parecen oponerse los documentos de dichos monarcas; pero las monedas no pueden ser de los Sanchos posteriores, y, a pesar de las dificultades documentales, han de ser de Sancho IV o de Sancho V, y, preferentemente, de este último, estableciéndose una gran contradicción entre las pruebas documentales y las proporcionadas por las monedas. *Creemos más firmes las pruebas fundadas en las piezas conservadas*, sin encontrar hasta el momento la explicación del hecho.\*

Si en el campo erudito abundase en términos generales la opinión que tan claramente expone don Pío Beltrán, los historiadores se percatarían de la necesidad de consultar las fuentes numismáticas, tanto, por lo menos, como las documentales.

F. XAVIER CALICÓ

JEAN LAFaurie.—*A propos de la trouvaille de Bordeaux*, en «Revue Numismatique», tomo XIV, 1952.

El distinguido secretario de la *Société Française de Numismatique* dedica este artículo a confirmar las dudas que mister George C. Miles expresa en su obra *The Coinage of the visigoths of Spain. Leovigild to Achila II*, sobre la exactitud del inventario del hallazgo de monedas merovingias y visigodas de Burdeos (año 1803), que publicó en 1936 el malogrado conservador monsieur Le Gentilhomme.

Estas dudas, basadas en un principio en que, por lo menos, tres de las monedas que figuran en el mencionado inventario son falsas, quedan ahora reafirmadas por el descubrimiento de monsieur Lafaurie, de que ciertas piezas descritas como procedentes del hallazgo de Burdeos figuraban ya en las colecciones del Cabinet des Médailles con anterioridad a 1803.

Aunque, en realidad, en esta ocasión, desde el punto de vista de la numismática española, la aportación de monsieur Lafaurie no tiene gran trascendencia, una afirmación del

autor del citado artículo nos brinda la oportunidad de un comentario que un día u otro nos proponíamos hacer.

Dice monsieur Lafaurie: «Los grandes conocimientos que posee George C. Miles, sobre todo lo concerniente a la numismática de España y el haber procedido al profundo examen de cerca de 4.000 piezas, le permiten emitir un juicio sin apelación sobre la autenticidad de esta clase de monedas.»

Hemos dado pruebas bien patentes de la gran admiración que sentimos por nuestro buen amigo mister George C. Miles, que tenemos el honor de contar entre los colaboradores de NVMISMA.

La aparición, primero, de su *The Coinage of the Umayyads of Spain*, y, después, de *The Coinage of the visigoths of Spain*, han tenido en España el éxito que merecen, siendo minuciosamente estudiadas por nuestros especialistas, varios de los cuales han publicado elogiosos comentarios. Estas obras se han incorporado a nuestros elementos de trabajo y son constantemente consultadas y citadas, ya que se trata en ellas de monedas labradas en nuestro suelo, y es lógico que aparezcan en España y Portugal en cantidad mucho mayor a la de cualquier otro país. Así, pues, no es de extrañar que en España, más que en ningún otro lugar, estas obras hayan sido apreciadas en su justo valor. Representan un extraordinario esfuerzo, merecedor de todo encomio, y unos conocimientos notabilísimos de las series numismáticas de que tratan.

El esfuerzo, especialmente, ha sido mucho mayor, porque mister Miles ha escrito sus obras desde el extranjero, sin haber estudiado personalmente en la misma Península Ibérica los distintos problemas que las monedas planteaban. Ciertamente es que, principalmente en lo que el *The Coinage of the visigoths of Spain* se refiere, recibió sin regateos la colaboración de los más eminentes especialistas españoles; pero no creemos que esto pueda ser jamás suficiente para producir la obra que deje resuelta cuestión de tantas dificultades como es la numismática visigoda.

En este sentido, mister Miles nos ha facilitado el repertorio más nutrido hasta la fecha; con él se ha dado un paso de gigante en el conocimiento de estas series y así se reconoce sin ambages.



Pero, según nuestro punto de vista, la obra que entrando en el fondo de la cuestión pretenda resolver los problemas básicos de la numismática visigoda, entre los que el de las falsificaciones es uno de tantos, deberá ser escrita, por lo menos, en gran parte, desde España o Portugal, estando su autor en contacto personal con los que se interesan por esta cuestión en nuestros países, estudiando las piezas que con frecuencia van apareciendo, controlando las procedencias, examinando los ejemplares de viejas colecciones o lotes inactivos y cotejando las conclusiones a que llegue con las que sostienen nuestros historiadores especialistas de la época visigoda.

Los conocimientos que adquiriera en la Península Ibérica el futuro autor, han de serle preciosos para el estudio de las colecciones de monedas visigodas que, desmembradas del tesoro artístico español, se hallan diseminadas por el mundo, cuyo examen, con ser muy importante, ha de considerarse como complementario en una obra de esta naturaleza.

Dicho esto, nos permitiremos todavía hacer una pequeña observación a nuestro distinguido amigo monsieur Lafaurie. La numismática española es de una incomparable riqueza —de la que precisamente el Cabinet des Médailles posee buenas pruebas—, y las interesantes series visigodas e hispanoárabes, a que tan brillantemente se ha dedicado mister Miles, son tan sólo una pequeña parte de ella; por ello, mucho nos tememos que en el conjunto de la afirmación de monsieur Lafaurie —que hemos traducido— se desliza una ligereza de apreciación difícil de explicar en persona como él, tan introducida en los círculos numismáticos europeos.

F. XAVIER CALICÓ

PEDRO BATALHA REIS.—*Cartilha da Numismática portuguesa*.—533 pág. y 93 lám. 24,5 x 18,5 cm.—Lisboa, 1946-1952.

Dedicada al gran maestro Teixeira de Aragão, el diligente investigador de la Numismática en Portugal, doctor don Pedro

Batalha Reis, acaba de publicar una obra, comenzada en 1946, que lleva por título *Cartilha da Numismática portuguesa*.

Apresurémonos a decir que, por el distinto valor que en las lenguas románicas tienen muchas palabras, en modo alguno podría entenderse tan enjundiosa obra si se tradujera su nombre por el castellano *cartilla*. La *Cartilha* del doctor Reis es una completísima historia de la Numismática en Portugal y también fuera de él, por lo que su intitulación necesita todavía mayor exégesis.

Quien se sienta desposado con la erudición hallará en este libro, de más de medio millar de páginas, con cerca de un centenar de láminas y muchos grabados diseminados por el texto, un verdadero placer al gustar aquélla en todas sus dimensiones.

Tras el prefacio, divide el autor su obra en tres partes: en la primera, da *conselhos aos novos colecionadores*, orientándoles sobre cómo se examinan las monedas, cómo se clasifican y catalogan, modo de reproducirlas, descubrimiento de las falsificaciones y su identificación, puntos a los que dedica 36 páginas. *Uma história bibliográfica da Numismática portuguesa*, va dividida en tres partes: la primera, de la Edad Media a 1623; la segunda, de 1625 a 1720, y la tercera, de 1720 a la actualidad. Ocupase a seguida de la enseñanza de la Numismática en Portugal, citando los coleccionistas notables de los siglos XV a XIX; describe los museos y colecciones públicas, numofilacios antiguos y modernos; la posición de la Numismática en las corporaciones científicas; las exposiciones; el comercio de monedas antiguas y la atención dedicada a la Numismática portuguesa en el extranjero —Brasil, Holanda, Francia, Inglaterra, España, Suiza, Bélgica, Austria, Alemania, Dinamarca y Rusia—.

En la segunda parte atiende a las nociones generales de Numismática, tales como el objeto de ésta, su situación en el cuadro de las ciencias históricas, la nueva concepción de la Numismática en Portugal; la evolución de su estudio, el valor cultural de la Numismática, ésta como especialidad histórica, y termina el capítulo examinando el origen de la moneda y su expansión.

En el siguiente trata de la etnografía monetaria, de los sistemas monetarios fun-

## N O T A S      B I B L I O G R A F I C A S

damentales y de las grandes divisiones de la Numismática, en oriental, clásica, medieval, moderna y contemporánea; de la moneda en la vida social de la humanidad y de los hallazgos monetarios y su importancia.

Otro capítulo está dedicado a la historia monetaria, en la que se ocupa del derecho de acuñación, las casas de moneda, corporaciones de monederos y procedimientos de acuñación en Portugal —martillo, prensas, braceaje y señoreaje, etc.—. Aborda a seguida el estudio objetivo de la moneda, los tipos de las monedas portuguesas, las armas de Portugal, las inscripciones, numerales, marcas, metrología, ensayos, monedas obsidionales y grados de rareza.

Otro capítulo va dedicado a los resellos —*carimbos*— y contramarcas, estudiando los de la metrópoli, Azores, colonias, resellos falsos, etc. La cuestión de las falsificaciones, y todo lo a ellas atinente, se halla en un capítulo especial. Otro se refiere a los usos extramonetarios de las monedas —amuletos, joyas, etc.—; síguete uno dedicado a la medallística, y abre un nuevo campo con el estudio de la *teserología*, terminando esta segunda parte en la página 430.

El lector habrá observado la extensión e intensidad de estas páginas. La parte tercera se titula «Introdução a Numismática portuguesa», estudiando la moneda antigua en la Península, la filiación de la moneda portuguesa, el curso de las monedas extranjeras en Portugal y la formación de colecciones de monedas del país, por tipos, series, variantes, su clasificación y catalogación, etc.

Un apartado va referido a la nomenclatura numismática; otro, a la proyección de la

moneda portuguesa en el mundo; esboza el *Catálogo das moedas portuguesas*, de 1140 a 1940, cuya descripción ocupará el volumen segundo. Trata después de la metodización de la Numismática portuguesa, y tras varios apéndices termina con un completo índice alfabético y el sumario de la obra.

Esta entra en la moderna bibliografía con toda solemnidad; magníficamente editada, con muy buenas láminas, numerosos grabados en el texto, nítida impresión, la *Cartilha da Numismática portuguesa*, en su volumen primero pone muy alto el nombre de su autor. La lectura del libro nos hace deambular por los numofilarios, los gabinetes, las bibliotecas, los museos, las aulas, las imprentas, las escuelas y facultades de los siglos XVII y XVIII, especialmente, y nos confirma en el concepto de que la Numismática tuvo en Portugal un grado de desarrollo y atención extraordinario y que, como en otros países de la Europa de entonces, la condición y la investigación históricas hallaron legión de cultivadores que se reclutaban en los más distinguidos medios sociales y culturales.

Los numerosos retratos de eruditos y numismatas, desde los reyes hasta los coleccionistas particulares, evocan distintas épocas de esplendor de los estudios; que la Numismática fué delicia de príncipes, como decía nuestro fray Enrique Flórez, pruébalo este libro, y que su cultivo fué siempre atendido en el país hermano, demuéstalo también. La *Cartilha da Numismática portuguesa* es una verdadera historia de la Numismática en Portugal y uno de los mejores libros de nuestro tiempo.

FELIPE MATEU Y LLOPIS